

KARL JASPERS: EDUCAÇÃO ESPECIAL, TRANSTORNOS E CULTURA

KARL JASPERS: SPECIAL EDUCATION, DISORDERS AND CULTURE

José Mauricio de Carvalho (Dr.)
josemauriciodecarvalho@gmail.com
IPTAN /FAPEMIG

Thais Caroline Reis de Ávila
thais.carollyne@gmail.com
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

Edna Rogéria Durães Queiroz
ednaduraesqueiros@gmail.com
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

Resumo

Neste artigo examina-se como o Psiquiatra e Filósofo alemão Karl Jaspers relaciona os transtornos emocionais e mentais à cultura. A referência fundamental é a quinta parte da *Psicopatologia Geral*. Nela Jaspers explica que as exigências da cultura afetam o desempenho humano e como não há como medir com exatidão o que é mais influente entre os mecanismos biológicos e as aprendizagens culturais podemos descrever o comportamento e notar as alterações que nele ocorrem quando variam as condições culturais. E assim, ao descrever os transtornos emocionais e da inteligência, Jaspers orienta o psicoterapeuta e o educador a considerar as características do tempo, e as crises históricas, para avaliar como o homem é afetado pelas circunstâncias. E assim, a psicoterapia e a educação devem se concentrar essencialmente nas experiências do paciente ou estudante, pois é permitindo que vivam experiências importantes que eles se desenvolverão. Jaspers separa ainda o resultado da inteligência das alterações emocionais e explica como tempos mais exigentes cobram mais de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais.

Palavras-chave: Psicopatologia. Educação Especial. Fenomenologia. Transtornos. Cultura

Abstract

In this article we examine how the German Psychiatrist and Philosopher Karl Jaspers relates the emotional and mental disorders to culture. The fundamental reference is the fifth part of *General Psychopathology*. In it, Jaspers explains that the demands of culture affect human performance and since there is no way to accurately measure what is most influential between biological mechanisms and cultural learning we can describe the behavior and note the changes that occur in it when cultural conditions vary. And so, in describing emotional disorders and intelligence, Jaspers guides the psychotherapist and educator to consider the characteristics of time, and historical crises, to assess how man is affected by circumstances. And so, psychotherapy and education must focus essentially on the experiences of the patient or student, for it is allowing them to live important experiences that they will develop. Jaspers further separates the result of the intelligence from the emotional changes and explains how more demanding times charge more of people with special educational needs.

Keywords: Psychopathology. Special education. Phenomenology. Disorders. Culture

1 Considerações iniciais

Karl Jaspers é um raro exemplo de médico de sucesso e filósofo reconhecido. Como professor, primeiro em Heidelberg e depois na Basileia deixou contribuição fundamental para as duas áreas da cultura.¹

Neste trabalho examina-se a quinta parte do clássico *Psicopatologia Geral* onde o autor aborda a relação entre os transtornos psíquicos e a cultura, referindo-se ainda ao aumento das exigências educacionais decorrente do desenvolvimento cultural. Jaspers trata desse problema avaliando a educação de crianças especiais em diferentes momentos da civilização. Outros livros completam a análise do problema aqui examinado: *Genio y Locura, O médico na era da técnica, A bomba atômica e o futuro do homem, Introdução ao pensamento filosófico e Iniciação Filosófica*.

A transição de médico psiquiatra para filósofo foi parte da evolução intelectual entorno a questões de epistemologia da Psicologia que o levaram, inicialmente, à investigar a metodologia científica da prática médica e num segundo momento a uma abertura crescente à epistemologia da ciência e aos problemas ontológicos. O exame da *Psicopatologia Geral* mostra como foi sua adesão à psicologia existencial, com crescente valorização da fenomenologia de Edmund Husserl como base para pensar a Psicologia. Isso fez o médico

¹ No capítulo inicial de *Filosofia e Psicologia; o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers* há uma pequena nota sobre o filósofo que se transcreve a seguir (Carvalho, 2006, p. 15): “Karl Jaspers, filósofo e médico alemão, nasceu em Oldenburg, em 1883, e morreu na Basileia, em 1969. Seu pai foi Diretor de casa bancária e sua mãe tinha origem aldeã. Trabalhou vários anos como assistente de psiquiatria em Heidelberg, Universidade onde, mais tarde, se tornou professor. Em 1907, encontrou Gertrud Mayer, com quem se casou. Sua mulher exerceu profunda influência em sua vida, especialmente porque era para ele presença clara de alma luminosa, dona de seriedade inexorável e capaz de lhe oferecer grande conforto moral, segundo seu testemunho. Em 1921, obteve a cadeira de filosofia, da qual foi afastado em 1937 por sua discordância do nazismo. Foi reintegrado em 1945. Em 1948, transferiu-se para a Universidade da Basileia, onde ensinou até se jubilar. É um dos principais representantes do existencialismo alemão. Suas obras mais conhecidas são: *Tratado de Psiquiatria, Iniciação Filosófica, Filosofia da Existência, A fé ante a revelação, A fé filosófica e Filosofia, Razão e existência*”.

ocupar-se crescentemente de questões de natureza filosófica. Nesse artigo essas questões somente serão consideradas quando se relacionarem ao problema aqui abordado.

2 Transtornos psíquicos e cultura

Karl Jaspers observa, na prática médica, aquilo que os teóricos da ciência estavam discutindo na Alemanha, no início do século passado, era preciso estabelecer novos marcos teóricos para a Psiquiatria. A universidade alemã pensava o problema da geral fundamentação das chamadas ciências humanas. Os problemas foram postos pelos neokantianos que buscavam a validação das ciências que estudavam o homem como liberdade.² O tamanho do desafio foi assim apresentado em *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (Husserl, 1996, p. 67): “A cultura extra-científica, que a ciência ainda não tocou é uma atividade do homem na finitude”. Em seguida afirma que isso precisaria de um olhar específico (ibid., p. 68): “os fins que visa as obras que realiza, seu comércio e suas modificações, sua motivação pessoal, coletiva, nacional e mítica, tudo se move num mundo circundante que pode ser abrangido com um olhar finito”. Esse olhar permitiu pensar um método para validar as ciências humanas entre as quais a Psicologia humana.

No Tratado de *Psicopatologia Geral*, Karl Jaspers escreve uma longa introdução onde descreve a metodologia empregada nos estudos psicológicos, a objetividade possível de ser alcançada nesses estudos, o caráter filosófico dessa discussão, as novidades vindas do

² No livro *Crítica da Razão Pura*, Emmanuel Kant explicou que válidos eram os conhecimentos vindos da experiência e que a metodologia que a considerava tornava válidos os estudos da natureza. Kant afirma no prefácio da segunda edição (1987, p. 13): “A ciência da natureza procedeu muito lentamente até encontrar o caminho da ciência, pois faz apenas um século e meio que a proposta do engenhoso Bacon de Verulamio em parte ensejou essa descoberta e em parte a ativou (...). Não pretendo considerar aqui senão a ciência da natureza, na medida em que está fundada sobre princípios empíricos”. Portanto, construir uma justificação para as ciências humanas exigia um novo método e foi assim que o neokantismo alemão abriu espaço para a fenomenologia como método para estudar as ciências humanas. E o resultado foi assim resumido em *Fenomenologia e Ciências Humanas* (Capalbo, 1987, p. 47): “A atitude fenomenológica e as ideias centrais que orientam a fenomenologia abriram um caminho fecundo para o estudo do comportamento concreto do homem. É assim que influenciará o pensamento de Max Scheler que procurará estudar a simpatia e o ressentimento, de Sartre, que fará um esboço sobre a teoria das emoções; de Karl Jaspers, que escreverá uma psicopatologia geral sob sua inspiração, de Koffka para reformular a Psicologia escrevendo o gestaltismo, Minkowski, Van den Berg e Binswanger no campo da psiquiatria e psicanálise (...)”.

neokantismo e da fenomenologia, entendida como método e como filosofia, para a fundamentação da Psicologia. Sabemos que essa discussão tinha em vista a superação do positivismo como filosofia da ciência. A crítica ao positivismo foi um dos eixos da análise de Edmund Husserl em *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, onde o filósofo assumiu o sentido histórico da consciência, ampliou a compreensão do kantismo e estabeleceu elementos fundamentais da chamada filosofia fenomenológico-existencial que se tornou a base da Psicologia que também ganhou esse nome.

A fenomenologia existencial abordou, entre outros assuntos, a temporalidade e a inserção do homem numa situação, o que valorizou questões como a intersubjetividade e a história, a subjetividade e a liberdade, a história e a cultura. Na *Introdução à fenomenologia existencial* Wilhelms Antonius Luijpen, explicou essa relação entre a historicidade e a cultura nos seguintes termos (Luijpen 1973, p. 242): “Chama-se história a temporalidade do sujeito-no-mundo quando se trata da atividade cultural do homem no sentido mais estrito” e logo adiante completa (ibid): “o uso corrente do termo história sugere a intersubjetividade da ação humana”.

Quando Karl Jaspers assume a metodologia fenomenológico existencial ele assume que há relação entre os transtornos mentais e a realidade histórica do homem. Isso se comprova na explicação que ele dá na introdução da *Psicopatologia Geral* sobre como se constrói a vida humana. Ali escreve (Jaspers, 1973, p. 27): “é a esfera cultural onde uma pessoa cresce e vive, que leva sua disposição individual a um grau maior ou menor de desenvolvimento. O homem vive na história, participando do espírito objetivo, através do qual chega, então, a encontrar a si mesmo no desenvolvimento individual”. Daí o que afirma no segundo volume do livro (id., p. 879): “A análise das condições históricas em que os homens vivem mostra que os fenômenos psíquicos mudam com a alteração dessas condições”. E esses novos estudos acabam ganhando uma importância inimaginável pois afetam profundamente a vida do homem. Diz Jaspers na

Introdução ao pensamento filosófico (Jaspers, 1993, p. 93): “Reconhecemo-nos dependentes de nosso eu psicofísico, da situação política e social do mundo, das potencialidades de nossa consciência em geral e de suas categorias”.

O vínculo entre transtornos mentais, problemas da inteligência e a cultura não significa que tais realidades não existiram nas comunidades primitivas, significa que nelas tinham expressão e significado diverso, nem sempre possíveis de bem avaliar contemporaneamente, conforme esclarece no trecho que se segue (id., p. 888): “Seria bom que pudéssemos compreender a doença psíquica a partir do psiquismo do primitivo e, por sua vez, compreender esse psiquismo com base no doente que, hoje, observamos”. Isso não é possível, contudo, porque não se pode avaliar com precisão o que depende da cultura e o que decorre das condições biológicas de cada organismo. Logo não faz sentido: tentar estabelecer qual dessas duas variáveis têm maior peso no comportamento humano, o homem é fruto de ambas sem possibilidade de separá-las.

Como o indivíduo se realiza executando suas tarefas na comunidade, as tensões que nela se verificam repercutem em sua vida psicológica e são causa de muitos transtornos. Eis o que ele explica sobre o assunto (id., p. 855):

A vida psíquica humana, na medida em que a comunidade e a sociedade a condicionam, na medida em que cria, na interação social, formações especiais, constitui objeto da psicologia social, a qual descreve ou as etapas evolutivas da vida psíquica do humana, desde o estado natural até a cultura, ou vai adiante construindo tipos ideais, mediante a apresentação, em cada sociedade de relações recorrentes que são necessárias a nossa compreensão genética (dominação e subordinação, diferenciação social, etc.).

O reconhecimento de que as tensões sociais afetam a condição psíquica do homem permitiram-lhe observar que a realidade social do início do século passado, pela drástica mudança no ambiente natural e a crescente artificialização da vida, produziu um homem ansioso e hedonista. A popularização da técnica contribuiu para produzir esse homem

crescentemente ansioso, ou nervoso, como Jaspers prefere denominar, concordando as observações de Jores. E completa adiante (ibid): “As doenças resultantes destas disregulações são, pois, se não exclusiva, pelo menos predominantemente doenças da civilização”. Em *O médico na era da técnica*, Jaspers avança na compreensão dessa ansiedade de origem cultural explicando que nascia do homem contemporâneo não conseguir conviver com a normal insegurança da vida. Essa insegurança não significava desprezar a razão e os conhecimentos que permitem um relativo controle do mundo como faz a ciência, mas vinha da incapacidade de aceitar os riscos do imponderável. Ele explica (1998, p. 10): “A ansiedade, porém, contra toda a razão, quer a certeza. A consequência é que o médico nem sempre pode partilhar o seu saber com cada doente”. E por outro lado, muitas vezes o diagnóstico ou a compreensão que o paciente tem do quadro faz com que ele acabe por assumir o que se espera dele vivendo em estado de ansiedade (id., p. 11): “o que o doente pensa, aguarda, deseja e espera da sua doença parece ser um fator na própria evolução da doença. O que o médico diz e faz compreende-o ele a seu modo”. O DSM IV se refere à ansiedade que não decorre de uma condição médica geral como *Transtorno de Ansiedade Generalizada* (300.02) esclarecendo que suas formas de manifestação variam na cultura. Eis o que ali se lê (DSM-IVTM, 2002, p. 458): “Existe uma considerável variação cultural na expressão da ansiedade (por exemplo, em algumas culturas a ansiedade é expressa predominantemente por sintomas somáticos; em outras, por sintomas cognitivos). É importante considerar o contexto cultural ao determinar se as preocupações com determinadas situações são excessivas”. E num tempo de crise as preocupações que ativam a ansiedade são aspectos comuns da vida (id., p. 456): “tais como possíveis responsabilidades no emprego, nas finanças, saúde dos membros da família, infortúnio acometendo os filhos ou questões menores”. E essas dificuldades emocionais, entre outras coisas, afetam e reduzem o rendimento intelectual dos estudantes.

O reconhecimento do forte impacto que têm as organizações sociais e os aspectos da vida social na estrutura psíquica dos indivíduos foi amplamente estudado pelos psicanalistas. Eles enfatizaram, corretamente na avaliação de Jaspers, a importância da vida familiar na constituição inconsciente dos indivíduos.³ Ele explica essa influência a partir do intercâmbio de aspectos inconscientes dos membros da família (id., p. 863):

Os psicanalistas têm reconhecido o efeito marcante do contexto familiar. O exemplo, o modelo, o ensinamento, são atuantes, mas além disso, a coletividade, a psique grupal com seu poder impositivo. O inconsciente dos pais influencia os filhos, sem que estes o percebam. Há um evento uniforme no contexto corpo-alma família, tal qual fossem vasos comunicantes.

A peculiaridade do que ele denomina doenças da cultura é que elas não têm base unicamente somática e mesmo quando provocam alterações no organismo, têm origem na realidade social e nas experiências pessoais do homem. Explica Jaspers (id., p. 865): “A vasta literatura com as diversidades opinativas inconciliáveis, ensina por que modo, na ciência médica, uma maneira de ver puramente somática se opõe ao raciocínio psicológico”. E logo adiante completa sobre os preconceitos da medicina tradicional afirmando que eles (ibid): “conflitam com o discernimento analítico”.

Exemplos de doenças da civilização são o que denominou neurose de renda que era o desejo de obter indenização do sistema de previdência e que se expressava em todo tipo de

³ A principal relação entre a criança e os pais se dá na formação do complexo de Édipo, como comenta Freud no ensaio *A análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Na Discussão que fez do caso, explica Freud em que consiste o Complexo de Édipo (Freud, Imago, p. 118): “Na sua relação com seu pai e sua mãe Hans confirma da maneira mais concreta e sem compromisso o que eu tinha dito em minha *A Interpretação dos sonhos* (...) com respeito às relações sexuais de uma criança com seus pais. Hans era realmente o pequeno Édipo que quer ter seu pai fora do caminho, queria livrar-se dele, para que pudesse ficar sozinho com sua linda mãe e dormir com ela. Esse desejo tinha-se originado durante suas férias de verão, quando a presença e a ausência alternativa de seu pai tinha atraído a atenção de Hans para a condição da qual dependia a intimidade com sua mãe, que ele desejava muito. Nessa época a forma tomada pelo desejo tinha sido simplesmente que seu pai devia ir embora”. Esse processo de identificação, ciúme e amor se mostra em diversas situações de modo que os membros da família se influenciam mutuamente. As relações inconscientes entre pais e filhos se estendem para muitas situações. Nesse ensaio Freud ainda menciona duas fantasias do pequeno Hans (Freud, Imago, p. 129): “Hans criou duas fantasias menores, uma de forçar passagem para um espaço proibido em Schönbrunn, e outra de quebrar uma janela de uma carruagem” e logo adiante comenta (ibid, p. 129): “Não há dificuldades na maneira para compreendermos essas duas fantasias criminosas. Elas pertenciam ao complexo de Hans de tomar posse de sua mãe”.

queixa. Provavelmente essa atitude psicológica apareceria em outras situações coletivas diz Jaspers, mas a forma que assumiu, naquele início de século, dependeu dos marcos legais adotados pela sociedade germânica. Outros transtornos de civilização são as psicopatias (id., p. 864): “que aumentaram durante a guerra”.

A análise da realidade cultural, que foi profundamente alterada no início do século passado, reapareceu em outros estudos de Jaspers. Na *Iniciação Filosófica*, Jaspers associa esse tempo de tecnologia crescente com o aumento da inconsciência, processo que ele denominou auto-esquecimento. Mesmo considerando que a inconsciência é inerente à realidade do homem, reconhecendo, portanto, a importância da descoberta de Sigmund Freud,⁴ ele entende que a cultura estava estimulando a vida inconsciente naqueles dias, conforme esclarece no capítulo XI do mencionado livro (Jaspers, 1987, p. 110):

O auto-esquecimento é fomentado pelo mundo da técnica. Pautado pelo cronômetro, dividido em trabalhos absorventes ou esgotantes que cada vez menos satisfazem o homem enquanto homem, leva-o ao extremo de se sentir peça imóvel e substituível de um maquinismo de tal modo que, liberto da engrenagem, nada é e não sabe o que há de fazer de si.⁵ E, mal

⁴ Inconsciente é um conceito fundamental da Psicanálise. Freud o examina em diversos lugares de sua extensa obra. Todo o sistema é estudado no clássico *A interpretação dos sonhos*. De início temos uma divisão em três instâncias: id, ego e superego. Como lembram Hall e Lindzey (1973, p. 46): “a personalidade é composta de três sistemas: o id, o ego e o superego. Embora cada um desses sistemas tenha suas próprias funções, propriedades, componentes, princípios operantes, dinamismos e mecanismos, atuam um sobre o outro tão estreitamente que é difícil, senão impossível, destacar seus efeitos e determinar a contribuição de cada um para o comportamento humano”. No livro mencionado, o criador da psicanálise mostra como os conteúdos surgem na consciência como se segue (Freud, 1972, p. 577): “Descreveremos o último dos sistemas situados na extremidade motora como pré-consciente, para indicar que os processos excitatórios que nele ocorrem podem ingressar na consciência sem outros impedimentos, desde que certas condições sejam preenchidas”. Pouco adiante explica que o impulso para a formação dos sonhos tem origem no sistema Inconsciente e que esse sistema é a raiz de todos os sintomas psiconeuróticos (id., p. 606): “É um fato que a teoria que rege todos os sintomas psiconeuróticos culmina numa única proposição, que assevera que eles também devem ser encarados como realizações de desejos inconscientes. Nossa explicação torna o sonho apenas o primeiro membro de uma classe que é da maior significação para os psiquiatras e cuja compreensão implica a solução da faceta puramente psicológica do problema da psiquiatria”.

⁵ A identificação das mudanças sociais no início do século foi tema de diversos trabalhos sociológicos e filosóficos. Um dos mais conhecidos estudos da sociedade tecnocrática que estava surgindo foi livro *La rebelión de las masas* de José Ortega y Gasset. O filósofo espanhol o inicia dizendo (Ortega y Gasset, 1994, p.143): “Há um fato que, para o bem ou para o mal, é o mais importante na vida pública europeia na hora presente. Este fato é o advento das massas ao pleno poderio social”. Para entender as características desse homem formado pelo tempo da técnica, na análise proposta por Ortega, teríamos que desviar do problema aqui considerado. Esse técnico conhece cada vez mais de cada vez menos na cultura, é um bárbaro especialista. Além disso como se explica no capítulo dedicado a Ortega em *Poder e Moralidade*, ele é irresponsável (Carvalho, 2012, p. 118): “Eis outra de

começa a tomar consciência, logo esse colosso o arrasta novamente para a voragem do trabalho inane e da inane distração das horas de ócio.

A situação de angústia generalizada, observada socialmente, nasce de uma vida na insegurança onde o gozo ansioso decorre do medo eminente da catástrofe geral ou de mudanças drásticas. A ameaça de uma guerra total e da bomba atômica está por trás de tudo. Isso foi assunto de um outro ensaio intitulado *A bomba atômica e o futuro do homem* (Jaspers, 1958, p. 26): “As pessoas se defendem: diante da ameaça da catástrofe total, nenhuma política nem qualquer planejamento têm sentido; queremos viver e não morrer”.

3 Metodologia de investigação

Na introdução de *Psicopatologia Geral*, Jaspers fez uma longa análise dos métodos mais utilizados na Medicina naqueles dias. Ele os resume em métodos técnicos (casuística, estatística e experimentos); métodos lógico-concretos (apreensão de fatos particulares, investigação de relações, percepção de totalidades), desvios lógico-formais inevitáveis (infinidade, infinidade das construções auxiliares, infinidade bibliográfica, generalizações absolutas), métodos psicopatológicos e outras ciências), etc. Além desses o método fenomenológico é que confere sistemática aos estudos psicológicos e lhes oferece uma

suas características ele é mimado. E o que é mimar? Ortega esclarece no livro que estamos examinando: mimar é não limitar os desejos e dar a impressão a um ser que tudo está permitido e a nada está obrigado”.

fundamentação última.⁶ O motivo pelo qual a fenomenologia assume esse papel nuclear apontado por Jaspers está explicitado num comentário da questão por Tommy Goto.⁷

O método fenomenológico, aplicado aos estudos de Psicologia, começa com detalhada anamnese social, que consiste em entender (Jaspers, 1979, p. 855): “o meio social em que vive o homem”. Pois para começar a trabalhar o psicoterapeuta precisa conhecer (ibid): “de onde vem o doente, que azares o atingiram, em que situação se acha, que influências sofreu, só assim é que poderá compreender o caso especial”. Para avaliar a inserção do indivíduo na sociedade, Jaspers preconiza o emprego de métodos que servem à Sociologia e à História pelo psicoterapeuta. Ele afirma (id., p. 858): “Os métodos que se utilizam nas pesquisas sociológicas e históricas são os mesmos que servem a psicopatologia em geral”.

Ao focar o atendimento psicoterápico no encontro pessoal e nas manifestações fenomênicas dos sintomas e no modo como o paciente os descreve, Jaspers faz desse núcleo metodológico o elemento capaz de recuperar e aplicar métodos que eram usados em outras correntes psicoterápicas devidamente adaptadas. Entre eles estão os métodos catárticos muito empregados pelos psicanalistas, mas que Jaspers assume de outro modo, como na proposta de

⁶ Martins e Dichtchekenian no livro *Temas fundamentais de Fenomenologia*, mostram a importância da fenomenologia como método, pois (p. 70): “método científico de pesquisa e ciência natural ou positiva implicam lógica e reciprocamente” e pouco adiante explicam o método como se segue (ibid): “Fenomenologia gera-se de duas expressões gregas, *phainomenon* e *logos*. *Phainomenon* (fenômenos) significa aquilo que se mostra por si mesmo, o manifesto. *Logos* é tomado aqui com o significado de discurso esclarecedor. Desta maneira, fenomenologia significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo”. Pompeia e Sapienza ensinam em *Na presença do sentido, uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas* que esse método orienta uma prática psicoterápica pautada nos principais aspectos da fenomenologia existencial pela descrição da nossa história de vida e de sua realidade vivida. Explicam (POMPEIA e SAPIENZA, 2004. p. 161): “Na terapia, o que fazemos é reencontrar a expressão do nosso modo de sentir, o re-cordado, principalmente aquelas coisas do coração, mas que perderam esse vínculo em virtude das dificuldades de comunicação, tornaram-se desgastadas. Foram esquecidas, mas num esforço de procura, através da linguagem poética, poderemos reencontrá-las. Quando isso acontece encontramos uma verdade”. É claro que querem dizer uma verdade para o sujeito, uma verdade própria do sujeito.

⁷ Em *Introdução à Psicologia Fenomenológica*, Tommy Goto escreveu (2008, p. 183): “É somente com o estabelecimento de um método que permita o acesso direto à subjetividade que a psicologia poderá ultrapassar sua crise interna promovida pela ciência e retomar o autêntico sentido e sua motivação originária de ser ciência universal do psíquico. Esse método só pode vir da fenomenologia transcendental, porque, assim, teremos a possibilidade de retomar um novo sistema de relações entre a subjetividade e a objetividade, evitando a ruptura entre sujeito e objeto e entre mundo vivido e mundo teórico”.

Victor Frank.⁸ Ele o diz em *O médico na era da técnica* (1998, p. 74): “Frank ampliou o método de sonolência hipnótica, despertar vivências esquecidas pelo doente e de levar a ab-reação”.

Esse entendimento de como o sujeito se situa no mundo completa o levantamento da história de vida do indivíduo onde a atenção se concentra nos fatos que marcaram sua vida pessoal. Na *Psicopatologia Geral* encontra-se (Jaspers, 1979, p. 857): “é específico a toda psicologia compreensiva o fato de ela voltar-se para o material da história humana, a fim de ganhar a visão da existência humana verdadeira, em toda sua amplitude”. Trata-se, nesse caso, de entender a realidade pessoal de cada pessoa entregue aos trabalhos terapêuticos. Esse levantamento da vida pessoal é cada dia mais importante e não se faz com facilidade nos hospitais. E completa (id., p. 856): “Desse conhecimento precisa sempre o psiquiatra, se quiser compreender os pacientes que encontra na clínica”.

4 Comportamento antissocial e associal

Como parte das doenças da civilização, Jaspers examina o comportamento pouco sociável. Esse comportamento é observado especialmente nas organizações sociais como nas escolas. Ele entende que é preciso distinguir o comportamento associal de pessoas acometidas por transtornos graves, como o esquizofrênico, do manifesto nas formas de transtornos neuróticos.

No primeiro caso a atitude associal é vivida sem sofrimento específico. O sofrimento é o do quadro geral. Quando ele está em surto mergulha numa realidade distante, sem partilhar

⁸ O cerne da relação na psicoterapia fenomenológica, para Frank, era a investigação à volta da questão do sentido, que para ele vai além do que sugere a Filosofia. Na obra *A questão do sentido em psicoterapia* já se explicou o assunto como se segue (Carvalho, 2011, p. 180-1): “o problema expresso pelo sentimento de vazio de sentido obrigou as pessoas hoje em dia a procurar o psicólogo e o psiquiatra. O vazio existencial e a depressão são as doenças do século XXI e isto aumenta o interesse pelo livro de Frank. O homem não sabe o que quer e essa ignorância não apenas serve para ele meditar melhor sobre a vida, “a sensação de falta de sentido é patogênica, isto é, leva a doenças, a neuroses específicas” (p. 20). Este sentimento se manifesta de muitos modos como: na chamada crise de meia idade ou no medo do domingo tão comum em nosso tempo. Em ambos os fenômenos o que verdadeiramente aparece é a falta de sentido. Esta falta de sentido coloca em evidência o problema de ir além de si, trata-se da autotranscendência sem a qual a vida parece ficar sem sentido”.

suas experiências com as pessoas próximas, os sentimentos e ideias que vivem e que parecem, interessa apenas a si. Nesses surtos, quando necessitam acompanhamento médico, não conseguem acompanhar a vida escolar. Diz Jaspers (id., p. 870): “São auto-suficientes, cada vez mais desligando-se dos outros homens; nem com outras pessoas sofrendo da mesma forma nosológica se relacionam melhor”.

O outro tipo de comportamento associal é bastante diferente. Acomete pessoas com diversos transtornos neuróticos. Nesses transtornos a vida social não é vivida sem grande sofrimento e dificuldades. Ele explica (*ibid*):

Tipo inteiramente diverso de associabilidade, que se combina, aliás, nos processos em inepção, com aquele acima descrito, desenvolve-se sob a forma de incapacidade, subjetivamente sentida, com muito padecimento, de tratar com outras pessoas, de ajustar-se, de movimentar-se sem contrangimento, de acordo com a situação. Todo convívio é torturante, de modo que o indivíduo prefere retrair-se, prefere ficar inteiramente só, o que o atormenta muito, por que conserva o impulso social, anseia pela convivência, pela comunidade, pelo amor. Sua incapacidade social também chama atenção alheia.

O primeiro caso é rapidamente identificado e necessita do afastamento das atividades de rotina, o segundo pode ser tratado na vida rotineira. Essas crianças também precisam de cuidado, de acompanhamento médico e do psicológico. Muitas crianças quando chegam na escola manifestam um comportamento associal e a incapacidade de bem conviver leva ao isolamento, o que a deixa ainda mais desconcertada e infeliz. Esses comportamentos podem estar associados a diversos transtornos, mas percebidos podem ser acompanhados na vida escolar com atenção e respeito.

Esses dois tipos de comportamento associal são basicamente diferentes do chamado comportamento antissocial que Jaspers observa no comportamento criminoso, ou em ações que provocam o sofrimento e a intimidação das vítimas. Embora o comportamento antissocial possa ser observado nos transtornos esquizofrênicos é pouco verificado no transtorno bipolar. Ele

constitui, geralmente, um tipo específico de transtorno.⁹ Jaspers faz detalhado estudo desse comportamento explicando que num primeiro momento o problema foi explicado como instinto ou paixão mórbida, e muitas vezes descrito pela psicologia compreensiva.

As dificuldades de esclarecer o comportamento perverso pelas descrições das ações dos indivíduos levaram a estudos estatísticos. Foi o momento em que a perversão foi estudada através dos métodos correlacionais. Esses estudos levaram a falar de correlações específicas entre o comportamento perverso e as estações do ano, ou a idade, ou ainda o aumento do preço dos alimentos, etc. Algumas conclusões foram possíveis, por exemplo (id., p. 872): “serem o roubo e a fraude mais frequentes no inverno, todos os crimes para os quais contribuem a excitabilidade e a irritabilidade psicológica (atentados sexuais, agressões físicas, ultrajes), serem mais frequentes no verão”.

Essas correlações embora tragam informações importantes para políticas públicas de saúde não servem para o entendimento dos casos particulares a não ser quando o estudo estatístico é aproximado dos dados descritivos dos indivíduos particulares e permitem falar de relações de qualidades singulares de tipo categorial, disposição pessoal, compreensão psicológica que propicie distinguir se o comportamento antissocial é meio ou disposição psíquica.

5 Inteligência e produção cultural

⁹ O *transtorno de personalidade antissocial* aparece no DSM IV como 301.7 e é descrito como (2003, p. 656): “padrão global de desrespeito e violação dos direitos alheios, que se manifesta na infância ou no começo da adolescência e continua na vida adulta. Este padrão também é conhecido como psicopatia, sociopatia, ou transtorno de personalidade dissocial.” Num artigo do *Caderno Pensar*, intitulado *Fumaça em Auschwitz*, Maria Teresa Waisberg comentou esse transtorno na ótica psicanalítica sem deixar de assinalar seu componente cultural como se segue (Waisberg, 2009, p. 3): “Por meio de novas metamorfoses, a perversão ainda é uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo”. E mais adiante acrescenta sobre a raiz da perversão (ibid): “Tal busca atinge os modelos atuais de defesa diante do recalçamento das pulsões e a recusa ao enfrentamento da realidade dos membros que compõem um grupo, não apenas de uma família, entendida como unidade mínima de organização social, mas de toda a cultura humana a ocidente ou oriente”.

Uma questão importante nesse estudo é distinguir os fenômenos psíquicos dos resultados das ações do espírito, ou pensamento, que Jaspers em *Psicopatologia Geral* insere nas chamadas psicopatologias da mente. No caso trata-se de reconhecer que o espírito não adoce e nem se torna mais elaborado ou sofisticado pela interferência de um transtorno qualquer, mas é afetado com a deficiência mental.

Não há dúvida que a manifestação de um comportamento patológico, um delírio, por exemplo, será mais sofisticado quanto melhor elaborado e mais rico for o mundo mental do paciente. Contudo, as criações geniais do espírito não são fruto dos transtornos, mas da elaboração conceitual e da inteligência. A influência dos transtornos esquizofrênicos na inteligência que Jaspers aborda de forma rápida no quarto parágrafo da quinta parte ele dedicou um longo e metucioso trabalho quando estudou a vida de quatro personagens famosos.

Em *Genio y Locura*, Karl Jaspers estudou a criação artística elaborada por quatro gênios diagnosticados com transtorno esquizofrênico: o escritor sueco August Strindberg (1849-1912), o cientista e filósofo sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772), o poeta alemão Friedrich Hölderlin (1770-1843) e o pintor holandês Vicent Van Gogh (1853-1890). Jaspers entende que o transtorno esquizofrênico é um fato psicológico importante na vida destes quatro indivíduos, influenciando as suas concepções de mundo e afetando o conteúdo de suas obras. No entanto, pergunta-se se a criação artística é autônoma ou é influenciada pelo transtorno? Ele quer saber se ela é um produto independente da mente ou se as obras de arte geniais desses homens foram influenciadas pelo transtorno esquizofrênico. É nesse livro que Jaspers explica detalhadamente a independência da mente ou do espírito nas criações humanas, claramente afinado com as análises fenomenológicas da realidade entendida em estratos. Os transtornos afetam a alma, ou o mundo psicológico de cada um, mas não o espírito ou pensamento. De todo modo, ele explica (Jaspers, 1956, p. 29): “para entender a fundo uma patografia é

indispensável ser muito compenetrado, através de uma experiência pessoal, com os diversos tipos de enfermidades mentais de que se trate”.

A conclusão de *Genio y Locura* foi sintetizada numa resenha publicada no fascículo 229 da *Revista Brasileira de Filosofia* e aponta na mesma direção indicada por Jaspers em *Psicopatologia Geral* (Carvalho, 2008, p. 104):

A conclusão a que chega Jaspers é que a obra de arte deve ser apreciada esteticamente, como expressão do espírito. Afirma haver uma certa afinidade entre o século XIX e a esquizofrenia, que resume na procura por experiências mais diretas, busca de emoções radicais, além de uma ética de esforço para preservar a dignidade, a autenticidade e a sinceridade. Este é um programa de vida mais ou menos comum aos artistas estudados.

6 Inteligência e educação especial

O homem é produto do seu equipamento biológico em interação com o meio. Nesse encontro se formam as experiências do mundo, a história pessoal, as relações interpessoais. Já vimos que Jaspers não vê sentido em se perguntar sobre a preponderância do corpo ou do meio nos resultados da inteligência, já que a existência humana é um estar com tudo o que se é em situação.¹⁰ Nesse sentido, a educação somente consegue realizar aquilo que o sujeito tem como potencialidade, porém não sabemos exatamente qual é a potencialidade de cada um a não ser através de seus resultados. Por isso toda atenção precisa ser dada ao processo educacional já

¹⁰ Ortega y Gasset nas *Meditaciones del Quijote* resumiu essa realidade como se segue (1997, v. I, p. 322): “Eu sou eu e minha circunstância e si não salvo a ela não me salvo eu”. No livro *Introdução à filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset* comenta-se o significado desse viver inseparável da situação em que se está como se segue (Carvalho, 2002, p. 69): “Mostramos que, segundo Ortega, viver é uma realidade histórica, temporal, voltada para o futuro e inserida na paisagem do mundo. A vida humana é circunstanciada, mas o que isso significa? Em uma das passagens mais conhecidas do livro *Meditações do Quixote*, Ortega afirma: “Eu sou eu e minha circunstância e si não salvo a ela não me salvo eu”. Essa citação traduz aspecto nuclear da filosofia da razão vital, uma forma de pensar o mundo e os problemas humanos como resposta aos desafios que a vida traz. (o homem não se separa da situação). No entanto, como fórmula também traduz, bem observa Margarida Amoedo (2001), o entendimento orteguiano de que viver é realidade que se experimenta na primeira pessoa.

que para Jaspers poderá produzir frutos que não se espera. É o que ele afirma em *Psicopatologia Geral* (Jaspers, 1979, p. 866):

A Educação só consegue, é certo, desenvolver aquilo que existe na disposição, segundo a possibilidade; não pode modificar a essência inata. Ninguém conhece, porém, as potencialidades humanas que dormem na constituição. Daí poder a educação fazer aparecer aquilo que ninguém suspeita. O efeito que qualquer educação nova produz é, por isso, imprevisível, e ela há de ter efeitos em que nunca se pensara.

Se o que a educação pode realizar é imprevisível de antemão é porque não se sabe exatamente até onde o estudante pode ir, mesmo quando se tem uma previsão de sua capacidade intelectual. Jaspers cita pesquisas na Alemanha que dão conta de que havia entre 3% e 4% de crianças no país que tinham deficiência intelectual que prejudicavam o desempenho escolar. Além deles menciona 0,9% de jovens com diagnóstico de transtorno esquizofrênico e 0,5% com diagnóstico de transtorno bipolar, além de outras doenças. Todas elas afetam a inteligência, ao menos nos momentos de surto. Naturalmente haviam muitos transtornos psiconeuróticos que afetavam a qualidade e a quantidade da aprendizagem das crianças e jovens, mas não havia uma estimativa estatística disso. De todo modo havia um elemento cultural muito interessante nos diagnósticos e resultados apontados. Os piores resultados eram de estudantes que vinham de famílias pobres e pouco escolarizadas. Em contrapartida, os melhores resultados eram de famílias com mais alto índice de escolarização. Note-se que a escolarização dos pais influenciava mais o diagnóstico da inteligência que a riqueza da família, mas de modo geral crianças ricas tinham melhor desempenho escolar.¹¹ Ele o diz (id., p. 867):

A investigação estatística sobre a distribuição da inteligência apoia-se em boletins escolares e testes mentais. Quanto mais baixo o estrato social, menor é, em média, o rendimento escolar

¹¹ No livro *Educação Especial* reconhece-se essa correlação como se segue (Fonseca, 1987, p. 20): “Zazzo provou que o nível médio de inteligência se eleva com o estatuto sócio-econômico, o que explica o recrutamento da maioria dos deficientes nos meios sociais mais desfavorecidos”.

(BREM); são os filhos de universitários e professores primários que detém, em média, as graduações mais altas.

Outro fator que influencia o desempenho escolar dos alunos é a vocação.¹² Por vocação Jaspers entendia a capacidade de algumas pessoas aumentar a capacidade de trabalhar e da qualidade do trabalho que realizam. Não se trata da melhoria do desempenho pela preparação, mas do trabalho diferenciado realizado por pessoas com igual qualificação. Vocação é auferido por relatos de que o indivíduo gosta do que faz, mas essencialmente pelo aumento da capacidade de realizar tarefas, quando comparado com outros indivíduos que não demonstram satisfação com o que fazem, mas têm idêntico preparo. Ele explica (id., p. 866):

Da mesma forma porque a Psicologia, como psicologia aplicada, se coloca a serviço de objetivos vitais técnicos – questões de vocação, aumento da capacidade de trabalho – assim também pode a psicopatologia apresentar-se aplicada, quando, por exemplo, responde a indagações sobre se certos tipos humanos – digamos crianças expostas – são mais aptas para o serviço militar, ou sobre como valorar a capacidade que têm certos tipos de pacientes para trabalhar ou para ganhar a vida.

Uma observação especialmente importante é a correlação que Jaspers estabelece entre o desenvolvimento da civilização e a inserção do educando. Quanto mais primitiva uma comunidade, quanto menos ela exige em termos de aprendizagem sofisticada, mais fácil é o processo de inclusão da pessoa portadora de necessidades especiais. Sociedades mais desenvolvidas e elaboradas tentem não apenas a exigir um desempenho melhor de seus jovens quanto a discriminar os menos inteligentes. Por isso, as sociedades tecnicamente mais

¹² No *Dicionário de Psicologia* vocação é (Piéron, 1975, p. 450): “tendência a exercer certa forma de atividade – em particular, de caráter profissional – e suficientemente forte, para que pareça responder a uma espécie de apelo (ou chamado interior), de acordo com as aptidões requeridas nessa atividade”. O filósofo espanhol Ortega y Gasset aprofundou o sentido de vocação para considerá-la fidelidade íntima na hora de escolher. Quando o homem é fiel a si mesmo sua escolha revela sua vocação. Sobre isso se comenta em *Introdução à filosofia da razão vital* (Carvalho, Cefil, 2002, p. 73): “Viver é o desafio de alterar a circunstância, de modificá-la para dar sentido à minha vida. Mudar a circunstância é o que se espera de cada homem. Essa busca significa que estamos decidindo como realizar nossa vocação”. Explica Ortega a vocação se revela na fidelidade a si mesmo, quando nas escolhas se considera aquilo que é verdadeiro para mim. Ele escreve no livro *En torno a Galileo* (1994, p. 86): “Algo é um problema para mim, não porque ignoro seu ser, não porque não cumpri meus deveres de intelectual diante dele, mas quando busco em mim, o que de verdade eu creio, o que coincide comigo”.

desenvolvidas precisam fazer um esforço maior e uma justificção mais elaborada para ter uma educação inclusiva. Explica Jaspers (id., p. 890):

A possibilidade vital para os indivíduos mentalmente menos dotados e para as personalidades anormais é muito mais difícil nas condições de uma cultura técnica adiantada do que naquelas em que se oferecem possibilidades vitais mais fáceis, ou seja, nas culturas menos adiantadas, tecnicamente; ao que corresponde o fato de internarem, hoje em dia, nas grandes cidades, relativamente mais psicóticos do que no campo, além de constatar-se aumento das internações correlacionado com a densidade demográfica.

Se a complexidade da sociedade e dos conteúdos dificultam a inserção do portador de necessidades especiais e exigem um maior empenho dos educadores, os tempos difíceis e de crise promovem um estado crescente de angústia que afetam as pessoas emocionalmente mais frágeis e na escola ampliam o número daqueles que necessitam de acompanhamento especial. Esse quadro geral foi inicialmente descrito por Beard (id., p. 892): “sob o nome de neurastenia”. Por outro lado, educação especial não significa tirar todas as dificuldades do processo ou afastar o estudante dos desafios da vida porque sem enfrentá-los cria-se uma geração frágil e sem força para enfrentar a vida. Ortega y Gasset enxerga nesse mesmo tempo a falta de empenho como característica do que denomina homem massa.¹³ Esse amolecimento diante da vida Ortega enxergava como típica daqueles dias. Jaspers diz algo parecido (id, p. 892):

De um lado, pretende-se não ocorrer degeneração hereditária, trata-se de efeito ambiental, que afeta toda a geração ulterior já a partir da infância, ao amolecimento, esquivação a esforços, indolência, vida irregular, limitação deliberada da prole, acasos, etc.

7 Considerações finais

¹³ Além das características mencionadas na nota 5, o homem-massa descrito em *La rebelión de las masas* pensa que o mundo está pronto para servi-lo, assim não precisa se esforçar, tudo está à disposição do toque do seu dedo, pronto para ser utilizado (Ortega y Gasset, 1994 p. 172): “por isso não constrói nada, ainda que suas possibilidades, seus poderes, sejam enormes”

Neste trabalho examinou-se a quinta parte do clássico *Psicopatologia Geral* demonstrando a relação entre transtornos psíquicos e da inteligência devido a alterações culturais. Com isso Jaspers confirma descoberta de outros psiquiatras de que boa parte dos transtornos psíquicos tinham origem em alterações ambientais. Nesse item ele dedica atenção especial ao fato de que esses transtornos da civilização afetavam o processo educativo na medida em que chama atenção para o aumento das exigências educacionais e a crescente exclusão de jovens com necessidades especiais em sociedades com maior desenvolvimento cultural. Mostrou-se ainda como o talento e a criação genial são frutos do esforço pessoal e do processo educativo e não propriamente uma espécie de ganho secundário dos transtornos. Foi o que Jaspers desenvolveu em *Genio y Locura*.

Mostrou-se ainda como a descoberta do vínculo entre os transtornos e dificuldades de aprendizagem com mudanças culturais. Elas contribuíram para o desenvolvimento de uma metodologia de estudos psicológicos capaz de estudar a subjetividade inserida numa situação histórica que ficou conhecida como Psicologia fenomenológica. Essa psicologia mostrava-se particularmente adequada para examinar o homem daqueles dias.

REFERÊNCIAS

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, 1987.

CARVALHO, José Mauricio de. **Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset**. Londrina, Cefil, 2002, p. 499.

_____. **Filosofia e Psicologia: o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers**. Lisboa, Imprensa Nacional, 2006. 265 p.

_____. Resenha de *Genio y Locura*. **Revista Brasileira de Filosofia**. v. 56 (229): 98-104, jan. / mar. 2008.

_____. Resenha de *A questão do sentido em psicoterapia*. **Argumentos**. 3 (5): 180-184, jan. / jun. 2011.

CARVALHO, J. M. e BESSA, V. Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset. In: CARVALHO, José Mauricio de. **Poder e moralidade, o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade**. São Paulo, Annablume, 2012. p. 105-130.

DSM-IV-TR™. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Trad, Cláudia Dornelles – 4. ed. rev., Porto Alegre: Artmed, 2002.

FONSECA, Vitor da. **Educação especial**. 2. ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. 127 p.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. **Obras Completas**. v. IV e V, Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 1-793.

_____. A análise de uma fobia em um menino de cinco anos. **Obras Completas**. v. X, Rio de Janeiro, Imago, s. d., p. 15-154.

GOTO, Tommy Akira. Introdução à Psicologia fenomenológica. São Paulo, Paulus, 2008. 254 p.

HALL, C. e LINDZEY, G. **Teorias da personalidade**. 10ª reimpressão. São Paulo, EPU, 1973. 620 p.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a Filosofia**. Porto Alegre, Edipucrs, 1996. 85 p.

JASPERS, Karl. **Genio y Locura**. Madrid, Aguillar, 1956. 306 p.

_____. **A bomba atômica e o futuro do homem**. Rio de Janeiro, Agir, 1958.

_____. **Iniciação Filosófica**. Lisboa, Guimarães, 1987. 159 p.

_____. **Psicopatologia Geral**. 2 v. Rio de Janeiro, Atheneu, 1979. 1028 p.

_____. **Introdução ao pensamento filosófico**. 9. ed., São Paulo, Cultrix, 1993. 148 p.

_____. **O médico na era da técnica**. Lisboa, Edições 70, 1998. 123 p.

KANT, Emmanuel. **Crítica da Razão Pura**. 3. ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987, 175 p. (Os pensadores).

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo, EPU, 1973. 400 p.

MARTINS, Joel e DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda S. F. B. **Temas fundamentais de Fenomenologia**. São Paulo, Martins Fontes, 1984. 98 p.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote. Obras Completas**. 2ª reimpresión, v. I, Madrid, Alianza, 1997. p. 309-400.

_____. **La rebelión de las masas. Obras Completas**. 2ª reimpresión, v. IV, Madrid, Alianza, 1994, 113-310 p.

_____. En torno a Galileo. **Obras Completas**. 2ª reimpresión, v. V, Madrid, Alianza, 1994, 13-164 p.

PIERÓN, Henri. **Dicionário de Psicologia**. 2. ed., Porto Alegre, Globo, 1975.

POMPEIA, João Augusto e SAPIENZA, Bilê Talit. **Na presença do sentido, uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo, Educ, 2004, 246 p.

WAISBERG, Maria Thereza. Fumaça em Auschwitz. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, 28 mar. 2009, Caderno Pensar, p. 3.

Karl Jaspers: special education, disorders and culture

Abstract

In this article we examine how the German Psychiatrist and Philosopher Karl Jaspers relates the emotional and mental disorders to culture. The fundamental reference is the fifth part of General Psychopathology. In it, Jaspers explains that the demands of culture affect human performance and since there is no way to accurately measure what is most influential between biological mechanisms and cultural learning we can describe the behavior and note the changes that occur in it when cultural conditions vary. And so, in describing emotional upsets and intelligence, Jaspers guides the psychotherapist and educator to consider the characteristics of time, and historical crises, to see how man is affected by circumstances. And so, psychotherapy and education must focus essentially on the experiences of the patient or student, for it is allowing them to live important experiences that they will develop. Jaspers further separates the result from the intelligence of emotional changes and explains how more demanding times charge more of people with special educational needs.

Keywords: Psychopathology - Special Education - Phenomenology - Disorders - Culture

Karl Jaspers: educação especial, transtornos e cultura

José Mauricio de Carvalho

1. Considerações iniciais

Nesta conferência examina-se a quinta parte do clássico *Psicopatologia Geral* onde Karl Jaspers aborda a relação entre os transtornos psíquicos e a cultura, tratando também do aumento das exigências educacionais decorrente do desenvolvimento cultural. Jaspers trata do significado da educação de crianças especiais em diferentes momentos da civilização. Outros livros completam a análise do problema aqui examinado: *Genio y Locura*, *O médico na era da técnica* e *Iniciação Filosófica*.

2 Transtornos psíquicos e cultura

No Tratado de *Psicopatologia Geral*, Karl Jaspers escreve uma longa introdução sobre métodos de estudos psicológicos, ou a objetividade dos estudos da alma humana, o caráter filosófico dessa discussão, as novidades da fenomenologia para a fundamentação da ciência psicológica. Sabemos que essa discussão em pauta na universidade alemã tinha em vista a superação do positivismo como filosofia da ciência.

O vínculo observado naqueles dias entre transtornos mentais, dificuldades de aprendizagem e a cultura não significa que problemas emocionais e da inteligência não existiam nas comunidades primitivas, significa que nelas tinham expressão e significado diverso nem sempre possíveis de avaliar contemporaneamente, conforme esclarece Jaspers no trecho que se segue (id., p. 888): “Seria bom que pudéssemos compreender a doença psíquica a partir do psiquismo do primitivo e, por sua vez, compreender esse psiquismo com base no doente que, hoje, observamos”. **Isso não é possível porque não se pode avaliar com precisão o que depende da cultura e do que decorre das condições biológicas de cada organismo. Logo: não há como estabelecer qual dessas duas variáveis têm maior peso no comportamento humano, o homem é fruto de ambas de uma forma não verificável.**

Desafio do nosso tempo: A sociedade da técnica forjou um homem crescentemente ansioso, ou nervoso, como Jaspers denomina, concordando com Jores ao tratar da educação em tempos de profunda ansiedade (id., p. 862): “A pessoa vegetativa do homem já não se ajusta às condições existenciais completamente alteradas. Daí resultar o homem nervoso atual”. E

completa adiante (ibid): “As doenças resultantes destas disregulações são, pois, se não exclusiva, pelo menos predominantemente doenças da civilização”.

O DSM IV se refere à essa ansiedade que não se liga a condição médica geral como *Transtorno de Ansiedade Generalizada* (300.02) esclarecendo que suas formas de manifestação variam na cultura. (DSM-IV™, 2002, p. 458): “Existe uma considerável variação cultural na expressão da ansiedade (por exemplo, em algumas culturas a ansiedade é expressa predominantemente por sintomas somáticos; em outras, por sintomas cognitivos).

Na *Iniciação Filosófica*, Jaspers associa esse tempo de tecnologia crescente com o aumento da inconsciência, que ele denominou auto-esquecimento. Mesmo considerando que a inconsciência é própria do homem, dando razão a Sigmund Freud, ele entende que os dias de hoje estimulam manifestações inconscientes, conforme esclarece no capítulo XI do mencionado livro (Jaspers, 1987, p. 110):

O auto-esquecimento é fomentado pelo mundo da técnica. Pautado pelo cronômetro, dividido em trabalhos absorventes ou esgotantes que cada vez menos satisfazem o homem enquanto homem, leva-o ao extremo de se sentir peça imóvel e substituível de um maquinismo de tal modo que, liberto da engrenagem, nada é e não sabe o que há de fazer de si. E, mal começa a tomar consciência, logo esse colosso o arrasta novamente para a voragem do trabalho inane e da inane distração das horas de ócio.

3 Comportamento antissocial e associal

Como parte das doenças da civilização, Jaspers examina o comportamento pouco sociável. Esse comportamento se manifesta nas organizações sociais, entre as quais a escola. Jaspers diz que é preciso distinguir o comportamento associal de pessoas com transtornos graves, como o esquizofrênico, daquele presente em outras formas de transtornos neuróticos.

O primeiro caso é rapidamente identificado e necessita do afastamento das atividades de rotina, o segundo precisa ser olhado com atenção. Muitas crianças na escola manifestam um comportamento associal e a incapacidade de bem conviver leva a discriminação, o que a deixa ainda mais desconcertada e infeliz. Esses comportamentos podem estar associados a diversos transtornos, mas percebidos podem ser acompanhados na vida escolar com atenção e respeito. Esses dois tipos de comportamento associal são diferentes do comportamento antissocial que promove sofrimento e a intimidação das vítimas.

O *transtorno de personalidade antissocial* aparece no DSM IV como 301.7 e é descrito como (2003, p. 656): “padrão global de desrespeito e violação dos direitos alheios, que se manifesta na infância ou no começo da adolescência e continua na vida adulta. Este padrão também é conhecido como psicopatia, sociopatia, ou transtorno de personalidade dissocial.” Num artigo do *Caderno Pensar*, intitulado *Fumaça em Auschwitz*, Maria Teresa Waisberg comentou esse transtorno na ótica psicanalítica sem deixar de assinalar seu componente cultural como se segue (Waisberg, 2009, p. 3):

“Por meio de novas metamorfoses, a perversão ainda é uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo”.

4 Inteligência e educação especial

A educação somente consegue realizar aquilo que o sujeito tem como potencialidade, porém não sabemos exatamente o que ele é. Por isso todo esforço pedagógico é importante. É o que ele afirma em *Psicopatologia Geral* (Jaspers, 1979, p. 866):

A Educação só consegue, é certo, desenvolver aquilo que existe na disposição, segundo a possibilidade; não pode modificar a essência inata. Ninguém conhece, porém, as potencialidades humanas que dormem na constituição. Daí poder a educação fazer aparecer aquilo que ninguém suspeita. O efeito que qualquer educação nova produz é, por isso, imprevisível, e ela há de ter efeitos em que nunca se pensara.

Se o que a educação pode realizar é imprevisível de antemão é porque não se sabe exatamente até onde o estudante pode ir, mesmo quando se tem uma previsão de sua capacidade intelectual. Jaspers cita pesquisas na Alemanha que dão conta de que entre 3% das 4% de crianças demandam educação especial por deficiência intelectual.

Há um elemento cultural importante quando se considera o fracasso escolar. Os piores resultados são de estudantes de famílias pobres e pouco escolarizadas. Em contrapartida, os melhores resultados eram de filhos de famílias com mais alto índice de escolarização. Note-se que a escolarização dos pais influenciava mais o diagnóstico da inteligência que a riqueza da família, mas de modo geral crianças de famílias ricas tinham melhor desempenho escolar que crianças pobres.

Vocação: Da mesma forma porque a Psicologia, como psicologia aplicada, se coloca a serviço de objetivos vitais técnicos – questões de vocação, aumento da capacidade de trabalho – assim também pode a psicopatologia escolar apresentar-se aplicada a indagações sobre se certos tipos humanos – digamos crianças expostas – são mais aptas para o serviço militar, ou sobre como valorar a capacidade que têm certos tipos de pacientes para trabalhar ou para ganhar a vida.

A possibilidade vital para os indivíduos mentalmente menos dotados e para as personalidades anormais é muito mais difícil nas condições de uma cultura técnica adiantada do que naquelas em que se oferecem possibilidades vitais mais fáceis, ou seja, nas culturas menos adiantadas, tecnicamente; ao que corresponde o fato de internarem, hoje em dia, nas grandes cidades, relativamente mais psicóticos do que no campo, além de constatar-se aumento das internações correlacionado com a densidade demográfica.

Se a complexidade da sociedade e dos conteúdos dificultam crescentemente a inserção do portador de necessidades especiais e exigem um maior empenho dos educadores, os tempos difíceis e de crise promovem um estado crescente de angústia que afetam as pessoas emocionalmente mais frágeis e na escola ampliam o número daqueles que necessitam de

acompanhamento especial. Esse quadro geral foi inicialmente descrito por Beard (id., p. 892): “sob o nome de neurastenia”. Por outro lado, educação especial não é tirar as dificuldades do processo ou afastar o estudante dos desafios da vida porque sem enfrentá-los cria-se uma geração frágil e sem força para enfrentar a vida.

RECEBIBO 05/06/2017
APROVADO 15/06/2017
PUBLICADO 01/07/2017